

712.8 52

12

# S E R M ã O

QUE PREGOU  
NA CATHEDRAL DA BAHIA DE TO-  
dos os Santos.

O P. ALEXANDRE DE GUSMAM DA  
Côpanhia de IESU, Provincial da Provincia do Brasil.

NAS EXEQUIAS DO ILLUSTRISSIMO SENHOR  
D. Fr. I O A M D A M A D R E D E D E O S,  
PRIMEIRO ARCEBISPO DA BAHIA,  
Que faleceo do mal commum que nella ouve neste Anno de 1686.

D E D I C A D O  
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR  
D. ANTONIO LUIS DE SOUSA  
TELLO, E MENEZES,

MARQUEZ DAS MINAS DO CONSELHO DE  
*Sua Magestade, Senhor das Villas de Beringel, & Prado, dos  
Coutos de Manhente, Freiris, & Azevedo, Alcaide Mór da Ci-  
dade de Beja, Comendador da Ordem de Christo, das Comendas  
de N. Senhora do Azevo, Penaverde, & Santa Marta de Vian-  
na, & da Ordem de Santiago, da Comenda de Sinis, Governador,  
& Capitão General, do Estado do Brasil.*

Pello Conego FRANCISCO PEREIRA Chantre na mesma Sé  
Cathedral, que o mandou imprimir.

---

L I S B O A.

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de MIGUEL MANESCAL Impressor do Santo  
Officio, Anno de 1686.

A custa de Manoel Lopes Ferreira, mercador de Livros.

1  
pis







# SENHOR

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central



ORAM tão heroicas as virtudes, q̃ resplande-  
cerão na Illustrissima Pessoa do Senhor D. Ioam  
da Madre de Deos, primeiro Arcebispo do Bra-  
sil:& com modesta eloquencia, ponderadas pe-  
lo M.R. P. Alexandre de Gusmão Provincial  
da Companhia de Iesu desta Provincia, no Pa-  
negyrico das suas exequias; que se virão venci-  
dos no discurso os hyperboles, da verdade;& no assumpto insupe-  
raveis os motivos da elegancia. Naquelles actos em que precisa-  
mente se nega a jurisdicção ao silencio, com que sò se encarece a  
dor, se confunde ordinariamente a descripção, no embaraço das  
excellencias, que lhe dificultão o credito. Neste se acreditou tão-  
to a admiração do que se ouviu, como a prudência com que fallou:  
sem exceder a rethorica, a realidade das excellencias, nem o silen-  
cio de muitas, ás significações da dor. Bastava a Sua Illustrissi-  
ma, a gloria de V. Excellencia, & o Senhor Conde do Prado, con-  
decorarem com a sua presença aquellas ultimas demonstraçoens  
do nosso sentimento. Mas porque as suas acçoens, que tanto me-  
recerão eternizar-se, senão sepultem com as suas cinzas; me pare-  
ceo fiar antes da estampa, que da tradicção, as memorias do Pre-  
lado mais digno de imitar-se, & os acertos do Orador menos possi-  
velmente imitavel.

Este triste obsequio que a minha obrigação consagra ao sepul-  
cro de Sua Illustrissima dedico eu humildemente aos affectos de  
V. Excellencia, por tres insentivos, considerados no amor, com q̃  
V. Excellencia o venerou, vivendo na magoa com que o assistio  
espirando, & na honra com que o authorizou despois de morto.  
Ainda que cuido que sò o fez differente a dignidade na individua-  
ção destes tres effeitos, da piedade de V. Excellencia, pois se hu-  
manou V. Excellencia a ser tão commum nella pera todos, que  
sendo universal esta quasi pestilencia, de que Deos se servio não  
escapasse Sua Illustrissima, se singularisou V. Excellencia no seu  
exercicio de maneira, que nenhũa vez sahio o Santissimo Sacra-

Aij

mento



mento de dia, & de noite incessavelmente aos enfermos, que deixasse Vossa Excellencia de o acompanhar; & de proporcionar a sua grandeza as esmollas à lastima dos que mais, & menos necessitavão dellas. Por isso a juizo de todos, parece que quiz a divina Providencia, perseverar daquelle dano a Vossa Excellencia, pera que nos alentos da sua vida respirassem da morte, quantos a haviam de padecer ao desamparo, se V. Excellencia não acodira a huns na pobreza de suas casas, com o remedio da sua prodigalidade, & a outros, que as não tinham, com a disposição de dividir, pelas mais capazes de os aceitarem, o grande numero dos que não cabião no Hospital da Misericordia. Foy a que V. Excellencia uzou tão esclarecida, como he o sangue de que naturalmente procedeo. E ficou a Bahia com as experiencias desta nova felicidade, nos mesmos estragos do seu maior castigo: pois entre as perturbaçoens d'elle, igualou o impacientissimo desvelo de V. Excellencia, sempre activo às operaçoens da charidade, às efficacias do serviço de S. Magestade, & bem commum: vencendo as impossibilidades do tempo, & da saude pera a expedição da frota; & divertindo a esta Republica a fome, & a carestia de tudo o que a podia alimentar na gêral fatalidade, de que se via postrada.

Permitame V. Excellencia esta minha reverente offensa, ou gloriosa injuria da sua modestia, em que todo este povo (de quem V. Excellencia foy sempre tão amado) tem venturoso a mais agradecida culpa. Nas suas aclamaçoens se perpetuará a generosidade, & beneficencia com que V. Excellencia, o tratou na serenidade do seu governo (em tudo prudentissimo) & nesta maligna conjuração dos Astros; em quanto ouver Generais no Brasil, & nesta Cidade a lembrança deste seu perigo; que nunca dos maiores costuma ser esquecida. Deos guarde a Excellentissima Pessoa de Vossa Excellencia muitos annos, como este estado deseja, & a Bahia ha mister, & este menor Capellam de V. Excellencia lhe pede em seus sacraficios, Bahia de Julho 16. de 1686.

*Francisco Pereira.*





*Remanebitque ibi homicida, donec Sacerdos magnus moriatur; postquam autem ille obierit, revertetur homicida in domum suam. Num. 35.*



O Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor D. Ioaõ da Madre de Deos primeiro, & dignissimo Arcebispo desta Diecesi, morto em tam breves dias, quando de vida lhe desejavamos largos annos, os muitos Reverendos Capitulares do Cabido de sta Santa Sè, justamente magoados, com a perda de tam bom Prelado, piamente agradecidos à benevolencia de tão bõ Pastor, offerrem hoje estas funebres memorias, dedicão estas piedosas lembranças. Pareciame a mim, que nas exequias de hum Prelado tão eloquente, Prêgador Real, Prêgador de tres Reys, João no nome, & Ioaõ no officio, melhor fallava o silencio, que a voz, melhor declamavão as lagrimas, que as palavras; porq̃ se bem não faltavão lingoas, que o louvavão quando vivo, agora parece que faltão vozes, que o louvem quando morto. Quando era vivo o grande Ioaõ Baptista, prêgou Christo hũa vez seus louvores ao Povo, *Capit Iesus dicere de Ioanne*, ouviu depois sua morte, & logo se dizer palavra se retirou a hũ dezerto: *Math. 14. Quod cum auisset Iesus secessit in desertum locum*; Parece, que hũa vez que Christo havia prêgado os louvores do Baptista quando vivo, pedia a razão que prêgasse tambem seus louvores, quando morto. O Espirito Santo diz: que não louvemos o homem em quanto vivo: *Ante mortem ne laudes hominem*, & foy o mesmo que dizer (diz S. Geronymo) *lauda post mortem*, que o louvemos depois de morto; logo se o Espirito Santo diz, que se hade louvar o morto, & não o vivo, como Christo Sabedoria Divina, trocando os termos, louva a Ioaõ vivo, & não louva a Ioaõ morto? Era Ioaõ Prêgador Real, Prêgador de El-Rey Herodes; & o que mais he, Prêgador de Deos, & voz de Christo, & nas exequias de hum João semelhante, melhor fallava o silencio, que a voz, & por isso havendo prêgado seus louvores, quando vivo, *Capit Iesus*

A iij.

Iesus



*Iesus dicere de Ioanne, calla suas exequias quando morto: quod cum audisset Iesus secessit inde, &c.*

Bem; mas nam fora bom dizer Christo quatro palavras de consolação aos discipulos de Ioão, de consolados com a morte de tam bom Mestre? Palavras na morte de Ioão? A morte de Ioão nam se celebra com palavras, celebra-se com lagrimas, como tenho para mim q Christo fez, & claramente se colhe do texto. Diz, que assi como Christo ouvio a seus discipulos, as novas da morte de Ioão, no mesmo ponto se retirara a hum deserto, afastado da communicação da gente: *Quod cum audisset Iesus secessit in desertum locum seorsum*. E para q he este retiro de Christo em tal occasião? Para que? Para celebrar com lagrimas mais livremente a morte de seu amigo Ioão. Estimara o dissesse Santo Augustinho, ou S. Geronymo; tiro-o porem do Evangelho. Chorou Christo na morte de Lazaro, & derão a razão destas lagrimas os circunstantes, que as virão correr dizendo, que erão por ser Lazaro seu amigo: *Ecce quomodo amabat eum*. E certamente Christo este nome de amigo deu a Lazaro morto: *Lazarus amicus noster*. O amigo de Christo maior, & mais antigo, era Ioão Baptista, como elle mesmo se chamou, *amicus sponsi*, assim entendem todos os Expositores, entendendo pello esposo a Christo, & pello amigo do Esposo a João. Logo se por ser Lazaro amigo de Christo, *amicus noster*, celebra Christo sua morte com lagrimas, *lacrymatus est Iesus*, sendo João o amigo de Christo por razões maiores, *amicus sponsi*, como he de crer, que ouvindo sua morte, & morte tão cruel, não celebrasse Christo sua morte com lagrimas! Por isso digo que a razão de Christo se retirar a hum deserto, afastado da communicação da gente no tempo que ouvia a morte de seu amigo Ioão, foy para a celebrar mais livremente có lagrimas, porque com lagrimas mais que com palavras, se devia celebrar a morte de Ioão, *Quod cum audisset, &c.* Por esta mesma razão dizia eu fideis, q nas exequias do nosso João, assim como fallava melhor o silencio que a voz, assim melhor declamavam as lagrimas que as palavras.

*Ioan. 3.  
Cern. ibid.*

E pois que hemos de fazer? Hemos de callar, ou hemos de chorar? Callar, nam he licito; deixar de chorar não he justo. Apontarei pois as razões, que o tempo presente nos offerece, & as palavras, que tomei por tema, nos descobrem, que se me nam engano, vem mui accomodadas á presente accão.

Mandava Deos Nosso Senhor, que o matador se recolhesse a huma daquellas Cidades de refugio, & dahi não sahisse, até a morte do Pontifice; porem tanto que o Pontifice fosse morto, logo o matador se sahisse fôra da Cidade. Isto querem dizer as palavras que tomei por tema:

ma:



ma: *Remanebitque ibi homicida, donec Sacerdos magnus moriatur; postquam autem ille obierit, revertetur homicida in domum suam.* Entrou Chritãos, nesta nossa Cidade da Bahia este matador, ou este mal, que nos mata; & depois de haver morto em Pernambuco mais de setecentas pessoas, veyo a esta terra, & nos tem morto já outras tantas, & nam sabemos quantas ainda matará, já o Pontifice he morto, porq já morreo o nosso Arcebispo, o Senhor Dom João da saudosa lembrança; resta agora, que o matador se vâ, ou que acabe este mal que nos mata. Ordenaçam era divina, que aquelle matador habitasse na Cidade, até a morte do Pontifice: *Donec Sacerdos magnus moriatur;* tambem nam duvido, que seja ordenaçam divina, que este matador habite em nossa Cidade, até o termo que Deos sabe; mas porque nam será tambem até a morte do Pontifice: *Donec Sacerdos magnus moriatur?* Ordem era de Deos, que morto o Pontifice, logo o matador se fosse: *Postquam autem ille, obierit, homicida revertetur in domum suam;* porque nam será tambem ordem de Deos, que este matador se vâ, & saya da nossa terra; pois que he já morto o Pontifice?

Duas cousas respondo a isto fideis; primeira que morto o nosso Pontifice, temos grande conjectura para cuidar, que este matador se vâ, ou que este mal que nos mata, se acabe. Segunda, que se morto o Pontifice, ainda todavia o mal continua; he final que Deos nam quer que se vâ porque ainda nam cessaram as causas de elle entrar. Por huma, & outra causa, temos muita razam de celebrar com lagrimas, a morte do nosso Pontifice; mas com esta distincam, que pella primeira causa, temos razam de chorar sobre elle, & nós sobre nós; & pella següda causa, temos razam de chorar sobre nós, & nam sobre elle. Vamos à primeira causa.

Depois que este matador entrou na nossa Cidade, ou depois que começou este mal, que deprecaçoens publicas, & particulares senam tem feito a Deos, & a seus Santos, para que elle se vâ? Fizeramse Novenas diante do Santissimo Sacramento, & da Virgem Santissima; fizeramse publicas Procissões, tomaramse por intercessores aquelles tres santos, & amigos de Deos; São Sebastião, Padroeiro da peste nos Reynos de Portugal; S. Gonçalo Portuguez, de tantos milagres, São Francisco Xavier, a quem tantas Cidades tem tomado por Padroeiro da peste, & o que mais admira, no tempo em que esta Cidade, fez voto de o tomar por Padroeiro; & com tudo nam sahio da Cidade este matador, porque ainda foy continuando este mal. No Paralipomenon prometeo Deos a Salamam, que mandando elle a pestilencia, sobre alguma Cidade, & seu povo arrependido fizesse oraçam naquelle templo,



2. Part. 7.

plo, aonde estava a Arca de Deos com o Manà, elle do Ceo, poria os olhos sobre seu povo, & cessaria o mal: *Si misero pestilentiam in populum meum, conversus autem populus meus deprecatus me fuerit, &c. Ego exaudiam de Celo, & sanabo terram eorum*; O Manà, não he este Divino Sacramento? a Arca de Deos, não he a Santissima Virgem? não se orou tantas vezes diante deste Manà, & diante desta Arca? como logo não acabou a pestilencia? como não cessou o mal?

Ezech. 14.

Gen. 6.

Dan. 6.

Job. 42.

Não he de menos admiração, que tomando nós por intercessores a tres Santos tão amigos de Deos, em outros tempos tão poderosos, S. Sebastião, S. Gonçalo, & S. Francisco Xavier, agora parece que não tiverão poder para nos livrar. Por Ezechiel diz Deos Nosso Senhor, que se acazo elle mandar sobre algũa Cidade a pestilencia, & nessa Cidade estiverem, Noé, Daniel, & Job, Santos grandes seus amigos, não serão poderosos, para livrar com suas intercessões, nem ainda seus proprios filhos: *Si immiseri pestilentiam super terram illam, & Noé, & Daniel, & Job fuerint in medio ejus, tunc ego dicit Dominus Deus, non liberabunt filium, aut filiam*; notavel argumento da justa indignação de Deos. Noé, de quem testifica a Escritura, que achára graça nos olhos de Deos, Noé invenit gratiam coram Domino? Daniel, cuja oração foi poderosa pera fechar as bocas vorazes dos Leões famintos: *Misit Dominus Angelum suum, & conclusit ora Leonum*? Job, cujas orações o mesmo Deos sollicitou pera perdoar áquelles tres amigos insolentes: *Ite ad servum meum Job, & servus meus Job orabit pro vobis*? Tres Santos tão amigos de Deos, tão poderosos em outros tempos com suas orações, agora diz Deos, que não hade ouvir, que não serão poderosos para livrar com suas intercessões, nem ainda a seus proprios filhos: *Non liberabunt filium, aut filiam*? Notavel argumento, torno a dizer, da justa indignação de Deos! O mesmo nos succede a nós Christãos, com os nossos Santos; a tres Santos tão milagrosos, tão amigos de Deos, tão poderosos em outros tempos, não ouve Deos agora, para q este mal se vá, ou para q este matador saia da nossa Cidade? Que heide dizer senão que tem Deos determinado, que este matador habite na nossa Cidade até a morte do nosso Pontifice: *Manebit que homicida donec Sacerdos magnus moriatur*? Pois já o nosso Pontifice he morto, podemos esperar, que seja também ordenação de Deos, que elle se vá, porque ordenação era de Deos, que morto o Pontifice, se saísse da Cidade o matador, *postquam autem, &c.*

E se isto assim for Christãos, quam justificadas causas temos de celebrar com lagrimas suas exequias? Basta que para levantar Deos a mão do castigo, que tem merecido nossas culpas, não bastão as intercessões



cessoens de tres Santos tão grandes, & que haja de morrer para isso o  
nosso Pontifice? Hum Prelado de tantas prendas, tão affivel, tão cor-  
tes, tão benigno, em fim manso, & humilde de coração, hade mor- 1.ª. 28.  
rer, para que todos não morramos? Assim se hade cumprir em nosso  
Pontifice, o que do Pontifice Summo profetizou Aenas: *Expedi ut*  
*unus homo moriatur pro populo ne tota gens pereat*, que importava mor-  
resse hum, para que não morressem todos? Hum Prelado, que se o cô-  
siderarmos, segundo os dotes da natureza, toy de hum engenho raro,  
Prêgador de tres Reys, Mestre jubilado, Examinador das tres Ordens  
Militares, Cenfor dos livros que se ham de imprimir; Guardiaõ do  
Convento de Lisboa, & Coimbra, Provincial da mesma Provincia, &  
Visitador Geral da Provincia dos Algarves? Se o considerarmos se-  
gundo os dotes da graça, lease o capitulo terceiro da primeira Epis-  
tola de S. Paulo à Timotheo, & achareis nelle em algum ao todas  
aquellas virtudes, que o Apostolo delejava em hum Bispo perfeito. 1.ª. ad Tim.  
*Unius uxoris virum, sobrium prudentem, ornatum, pudicum, hospitalem,* c. 3.  
*doctorem; non vinolentum, non percussorem, sed modestum; non litigiosum,*  
*non cupidum, sed domui sue bene prepositum, filios habentem subditos cum*  
*omni castitate.* Discorrei brevemente por todas.

Quanto ao primeiro dote, *unius uxoris virum*, elposo de huma sô  
espola, entende S. Ambrosio, que o Bispo não hade ter pensamentos  
de passar a outro Bispado; nam faltou quem tivesse este pensamento Dediz. S. Amb.  
do nosso Arcebispo; mas he certo, que nem por pensamento lhe pas- cap. 4.  
sou; chegaraõlhe aos ouvidos estas vozes, & respondeo, que a sua via-  
gem havia de ser para a sepultura, & esperava que o seu Reyno, seria  
o do Ceo. Longe estava de pretender outro Bispado, o que de conti-  
nuo suspirava pella sua cella. S. Pedro Celestino, que de Monge ha-  
via subido ao trono Pontificio, não achando locego no Palacio, de cõ-  
tinuo suspirava pella sua cella, que succedeo? Renunciar o Pontifica-  
do, & fazer decreto, que possa fazer o mesmo qualquer Summo Pon-  
tifice. Mal se pòde logo presumir que aspirasse a Pontificado mayor, o  
que de continuo suspirava pella cella.

Quando S. Pedro Apostolo se vio no locego do Tabor contemplã-  
do a gloria de Christo transfigurado, & levado daquella gloria, ou da- Mat. 18.  
quella quietação, pedio ao Senhor licença para fabricar alli tres cellas,  
& ficar-se alli com elle para sempre: *Bonum est nos hic esse, si vis faciamus*  
*hic tria tabernacula*; estes pensamentos de Pedro, a primeira vista tam Luc. 21.  
louvaveis, avaliou S. Lucas por ignorancias: *Nesciens quid diceret*; E  
porque ham de ser ignorancias huns pensamentos tão lantos? Por vẽ- Sylu. ex  
tura que seja o que hum Autor sente, tirando-o de Abulenle, que Sam Abul. q.  
72.

BPedro



Pedro como estava já eleito Pontifice, falava aqui como tal, *Petrus hic loquebatur ut Pontifex*, & devia Pedro ter os pensamentos na obrigação de sua Igreja, & não na contemplação do Tabor; devia attender à acção de Bispo, & não á contemplação de Monge. Bem, & pois nam podia Pedro muito bem ter hum, & outro pensamento? Não podia mui bem ter o pensamento na cella de Monge, & mais no Palacio de Bispo? Nam podia lembrar-se muito bem do Pontificado de Roma, & mais da cella do Tabor? Não he possível, não se compadecem estes pensamentos; & se Pedro a isso se persuadia; se Pedro cuidava estar em Roma Papa, & Monge no Tabor, era esse mui nescio pensamento: *Nesciens quid diceret*, & se alguém assi o cuidasse de Pedro, tambem merecia como Pedro a mesma nota de nescio, *nesciens quid diceret*; porque semel antes pensamentos assi como sam facéis de pronunciar aos ignorantes, sam mui difficultosos de crer aos prudentes; parece, que estou entendido. Se os pensamentos nosso Prelado eram das cellas do Tabor, como podiaõ ser pensamêtos do Pontificado de Roma? Se de contino suspirava pella cella, como podia anhelar a maior Bispado? Se isso era assim, ou se assim alguém delle o presumio, bem fôra de razão vão semelhantes pensamentos, *nesciens, &c.*

Quer S. Paulo o Bispo Sobrio, *Sobrium*. A sobriedade he hũa virtude, que modera as demasias do copo; assim com a abstinencia he huma virtude que tempera as demasias do prato. O nosso Prelado como he notorio, comia por onças, & no vinho nam tocava; por isso acrescenta o Apostolo, que não hade ser o Bispo amigo de vinho, *non vinolentum*. Ao mesmo S. Timotheo permitia S. Paulo, uzar de hum pouco de vinho, *utere modico vino*; porem o nosso, nem pouco nem muito. Não cuideis Christãos, que he pouca prova de santidade, a sobriedade do vinho; não digo que nisso consiste a santidade, mas digo que he della grande final, & grande meyo para ser santo. Por final de grande santidade que havia de ter o menino Joaõ, disse o Anjo a seu Pay Zacarias, que não havia de tocar o vinho, ou cousa semelhante, *vinum, & siceram non bibet*. Por meyo principal que o Anjo deu ao Pay de Samlam pera a santidade do filho que havia de nascer, foy o mesmo de não tocar o vinho, porque perguntando Manuê ao Anjo, que havia de fazer o filho para ser santo, *quid vis faciet puer?* Respondeo, que nam tocasse o vinho, ou cousa semelhante, *vinum, & siceram non libat*. E pois nisso consiste a santidade, não tocar o vinho? Não dizem isso os Anjos, mas dizem que he final de santidade, & que he meyo para ser santo, *vinum non bibet*, disse o Anjo de Ioaõ, *vinum non bibat*, disse de São o Anjo. E se esta virtude se achou em nosso Pontifice em tam alto grao, assim



sim como nelle podia ser meyo para ser tanto, porque não poderá ser final de Sua Santidade.

Diz mais o Apostolo, que hade ser o Bispo prudente, *prudentem*. Quem pôde duvidar da prudencia, do que soube governar, sessenta & cinco Conventos de Religiosos, & Religiosas da sua Ordem, sem queixas, sem odio, sem invejas, sem facções? Admira a prudencia de Salamam, em compor a contenda de duas mulheres, sobre huma pretensão, *audi vit hoc Israel, &c. videntes sapientiam Dei esse in eo*, que prudencia tam singular he necessaria para compor sem queixa, as pretensões de tantas molheres, quantas sam as Religiosas, que governa hã Provincial de S. Francisco em Portugal. 3. Reg. 32

Porem mayor sem comparação, foy a prudencia com que governou Arcebispo. E em que esteve essa prudencia? Esteve na mansidão com que governou, na brandura com que acabou, o que somente cõ o rigor se acaba. Venceo com a palavra, o que outros com a espada não vencem, porque acabou com amoeftação, o que outros não acabão com a censura, que he a espada da Igreja; & esta he a prudencia, Mat. 10. que Christo quer nos seus Bispos. Quando Christo mandou os primeiros Bispos da Igreja, fazer seu officio pello mundo, disse que os mandava como ovelhas entre lobos, *Ecce ego mitto vos, sicut oves inter lupos*, parece, que para governar homens lobos, mais a proposito era a fortaleza de Leão, que a mansidão de ovelha; diga logo Christo, eu vos mando como Leões; & não, eu vos mando como ovelhas, *sicut oves*. Assim o dictava a prudencia humana, mas não a de Christo; a prudencia de Christo, não he governar os homens feroz com fereza de Leão, senão com mansidão de ovelha, esta he a prudencia que Christo quer, Mat. 10. como logo clara, & expressamente explicou, porque assim como disse aos Apostolos, que fossem como ovelhas entre lobos, logo immediatamente tirou por conclusão, que fossem prudentes como a serpente, *Stote ergo prudentes sicut serpentes*, como se fosse o mesmo, governar os feros com mansidão de ovelha, que governar os rebeldes com prudencia de serpente, *sicut oves, sicut serpentes*.

Quem pode ignorar a mansidão, com que o nosso Prelado governou? Quantas censuras fulminou em tres annos, que foy Arcebispo; estrondosas, nem huma sã, particulares, mui poucas. Pois quem pôde negar que tinha prudencia de serpente, tendo a mansidão de ovelha? Apoc. 1. A censura, he a espada da Igreja; no Bispo prudente a censura he a palavra, porque no Bispo prudente, he a espada a palavra; assim o revelou Christo a S. Ioão no Apocalypse. Vio hũa misteriosa imagem, q̃ entre outros misterios, tinha na boca huma espada, *& de ore ejus gla-*

Bij

dine.



*dus.* Todos os Expositores Sagrados dizem, que nesta figura, ou fosse o mesmo Christo, ou fosse algum Anjo, quiz Deos significar a Ioam, qual havia de ser o Pontifice na vida, & no governo; & porque razam hade ter a espada na boca, & nam em a mam? o lugar da espada he a mam, & nam a boca; a boca he lugar da palavra, & nam da espada; como logo tem a espada na boca, & nam na mam? Nam he esta figura de hum Bispo Santo na vida, & prudente no governo? A espada da Igreja, nam he a censura? Pois quiz significar Christo a Joam, que no Bispo Santo, & prudente, a censura he a palavra, porque no Bispo Santo, & prudente, a palavra he a espada, *de ore ejus gladius*; quem ignora, que a espada da censura, que o nosso Prelado, communmente maneava contra os rebeldes, era a palavra com que os rendia? A palavra era a sua espada, porque a palavra era a sua censura; para a qual nam era tam a proposito a força de Leam, como a mansidão de ovelha, em que Christo collocou a prudencia dos primeiros Bispos, como ovelhas na mansidão, para serem na prudencia como serpentes, *sicut oves, sicut serpentes*.

*De Reg.  
brev. in-  
ter. 210.*

*Exod. 39.*

Quer mais S. Paulo o Bispo ornado, *ornatum*, ornado no habito, como atraz explicou, *in habitu ornato*; & se preguntares, que cousa seja habito ornado, responde S. Basilio, que he o habito acomodado com o decoro, & com a dignidade; com o decoro da pessoa, & com o excellente da dignidade, *acomodatus cum decoro, & dignitate*. O habito da pessoa do nosso Arcebispo, foy sempre o de seu Padre S. Francisco, o habito da dignidade, foram os mais ricos Pontificaes, que nenhum Prelado teve no Brazil. E pois avalia S. Paulo por virtude, o que a primeira vista parece vaidade? Senam fora virtude, não o desejara S. Paulo no Bispo Catholico, *ornatum*. Porque assim como escolher para ornato da pessoa, o habito mais humilde, he virtude religiosa, assim o procurar para ornato da dignidade, o Pontifical mais precioso he virtude da Religiam, porque he ornamento pertencente ao culto divino, & honra do mesmo Deos. Lede o capitulo 39. do Exodo, & vereis a Moyles todo occupado por ordem de Deos, a preparar o Pontifical do Summo Sacerdote todo de seda, & ouro, ornado de toda a sorte de pedraria; & pois nisso se occupa Deos, & nisso se occupa Moyles? Si, que he pera o culto divino, & honra do mesmo Deos, & he virtude da Religiam procurar, que as vestes pertencentes ao culto divino sejam as mais ricas, & mais preciosas que podem ser.

*Mat. 18.*

Quando Christo se transfigurou no Tabor, nam sómente se refundio aquella gloria em seu corpo, mas tambem se communicou as suas vestiduras, que ficavão alvas com a neve, *vestimenta ejus facta sunt*.



*sunt alba sicut nix.* Os effeitos daquelles quatro dotes gloriosos, q̃ nesta  
 occasiã trãsfiguraram a Christo, nam sam glorificar, & a fermolear as <sup>1. Corinth.</sup>  
 vestes, sam glorificar, & a fermolear os corpos, he Theologia, & <sup>cap. 15.</sup>  
 doutrina de Sam Paulo, *surget corpus spiritale, surget in gloria, &c.* <sup>Heb. 2.</sup>  
 Como logo aqui a gloria de Christo no Tabor, nam sò se communi-  
 ca ao corpo, mas tambem le communica às vestiduras, *vestimenta*  
*ejus?* O melmo Sam Paulo deu a razam: *Christus non semetipsum*  
*clarificavit, ut Pontifex fieret, sed qui loquutus, & ad eum, filius meus es*  
*tu;* constituirã o Eterno Padre a Christo nesta transfiguraçã Ponti-  
 fice de sua Igreja com aquella voz, que do Ceo se ouvio: *Hic est filius*  
*meus dilectus,* como o melmo S. Pedro, que a ouvio testifica, *accipiens á* <sup>2. Petr. 1.</sup>  
*patre honorem, & gloriam, voce de lapsa;* & quiz o Eterno Padre mostrar  
 que a gloria do Pontifice, nam hade estar ló na alma encerrada, mas  
 que tambem se ha de comunicar ao corpo, nam sò se hade commu-  
 nicar ao corpo, mas que tambem se hade refundir nas vestiduras, porq̃  
 nam sò a gloria do corpo, mas tambem a gloria das vestiduras, fazem a  
 hum Pontifice gloriolo, *transfiguratus est, vestimenta ejus, &c.* E se  
 este he o ornato que S. Paulo quera no Pontifice, *ornatum,* quem pô-  
 de negar no nosso Pontifice esta virtude, que escolhendo para sua pes-  
 soa o habito mais humilde, procurasse para sua dignidade, o Pontifical  
 mais precioso.

Diz mais Sam Paulo, que hade ser o Bispo Prêgador, assim  
 entendem a palavra *Doctorem.* O Concilio Tridentino diz, que a  
 principal obrigaçã do Bispo, he o prêgar: *Prædicationis munus,*  
*quod Episcoporum præcipuum est.* O nosso Prelado, nam foy ló Prê- <sup>Trid. sess.</sup>  
 gador, mas Prêgador Real; nam sò prêgou Arcebispo, mas as ve- <sup>24 e 4.</sup>  
 zes, que vimos, & admiramos, & entam mereceo melhora digni-  
 dade de Arcebispo, quando melhor exercitou o officio de Prêgador.  
 Assim no Tabor, como no Jordam, se ouvio aquella voz do Eterno  
 Padre, em que reconhecia a Christo por Filho: *Hic est filius meus di-*  
*lectus,* disse no Jordam, *Hic est filius meus dilectus,* disse no Tabor; com <sup>Mat. 3.</sup>  
 tudo, como diz Sam Paulo; no Tabor constituiu o Eterno Padre a  
 Christo Pontifice da Igreja, & nam no Jordam; pois se a forma das  
 palavras foy a mesma, porque nam obram no Jordam o melmo effei-  
 to, que no Tabor? Porque nam hade ser Christo, Pontifice no  
 Jordam, & hade ser Pontifice no Tabor? Está muito clara a razam:  
 porque no Jordam, nam tinha Christo ainda o exercicio da Prêga-  
 çã, se bem se preparava para isso com aquella humildade; po-  
 rem no Tabor já tinha Christo o exercicio de Prêgador, por  
 tres annos; por isso na forma das palavras com que o Eter-



no Padre o constituiu Pontifice, lhe fez logo o auditorio como a Prêgador, *ipsum audite*, o que não fizera no Jordão para nos ensinar, que então se merece melhor a dignidade de Pontifice, quando melhor se exercita o officio de Prêgador. E se o nosso Prelado, não lo foi Prêgador, mas Prêgador Real, não lo prêgou sendo Arcebispo, mas as vezes que vimos, & admiramos, quam bem merecido teve com a dignidade de Pontifice, o titulo de Prêgador, *Doctorem*.

Quer S. Paulo o Bispo amigo dos pobres, & peregrinos, *Hospitalem*. Sabida he entre os Juristas, & Theologos a obrigação, que os Bispos tem de repartir aos pobres, tudo o que lhes resta de sua congrua, & honesta sustentação, o qual se entende dos que comem rendas da Igreja, & não dos que sò tem huma congrua, como são os Bispos ultramarinos; donde se segue, que os que torem amigos da pobreza são dignos de mayor louvor. O nosso Prelado todos os Sabbados dava esmola a mais de duzentos pobres; pello discurso do anno fazia esmolas secretas, não poucas. Nas festas feiras mayores, dava de vestir aos pobres, a quem lavava os pés; despachava todas as petições de esmolas, & perdoens, a que a justiça, & a piedade davão lugar.

Lib. 2. in  
Luc. c. 11.

Luc. 22.  
Joan. 15.

De sua modestia, como quer o Apostolo, *modestum*, quem pôde duvidar? Sò quando lhe chegavão o coxim para ajoelhar, ou lhe arrastavão a cadeira para se assentar, se indignava. Nunca se affinou Dom Joam; a muitos moradores visitou, contra o que uzão os Prelados mas soberanos, & he o que em primeiro que tudo admirou S. Ambrosio, na visita da Virgem Santissima a Santa Isabel, *superior venit ad inferiorem*. Os seus criados poz sempre à sua meza como amigos, nam como criados; forão as duas demonstraçoens de Christo para com os seus, sentallos à sua meza, *ut edatis, & bibatis super mensam meam*, & telos em conta de amigos, & não de criados, *non dicam vos servos, sed amicos*. A estes teve sempre como o Apostolo queria, *subditos cum omni castitate*; porque bem notoria he a sujeição com que criou a sua familia, & quanto nella zelou qualquer sombra de menos pureza.

Quer mais S. Paulo, que não seja o Bispo litigante, ou demandista, *non litigiosum*. Longe estava de ser demandista, o que não poucas vezes cedeo de seu direito, por escusar demandas, o que foy tão liberal de sua jurisdicção. E sendo assim, que por direito divino são as mitras sobre as coroas, & sobre os cetros os bagos, com aquelle excessso, com que o lagrado excede ao profano, & o eterno ao temporal, elle por escusar demandas, sujeitou algũa vez o bago ao cetro, & a coroa à mitra.

Mandou Christo a S. Pedro, que lançasse a linha ao mar, & a moeda



da que viesse na boca de hum peixe tirasse, & desse pello tributo, que injustamente lhe pedião. *Alite hamum, & eum piscem, qui primus ascen-* Mat. 17.  
*derit tolle, & aperto ore ejus invenies stateram, illum summens da pro me,*  
*& t e.* Quem não vê neste milagre o empenho que Christo faz dos dois  
 maiores attributos de sua divindade, o poder, & saber? Se Christo, &  
 Pedro erão izentos de tributos, como o mesmo Christo disse: *Ergo li-*  
*beri sunt filij,* para que empenha Christo seu poder, & saber, assim de  
 pagar o tributo que nam deve? Para que? para escusar contendas, em  
 materias de izençoens, que de ordinario lenão acabão sem litigios; &  
 Christo nam queria, que os primeiros Bispos de sua Igreja fossem de-  
 mandantes, ainda que para isso fosse necessario, ceder de seu direito.

Diz ultimamente S. Paulo, que nam ha de ser o Bispo cobiçoso, *non*  
*cupidum.* Longe esteve de cobiçoso, o que em vida nada quiz, & na  
 morte nada teve. Em vida nada quiz, o que sendo Provincial recebeo  
 largos benefices, que tem os Provinciaes de sua Ordem? O que sendo  
 Arcebispo recebeo as offertas que se devem aos Arcebispos? Si, & tor-  
 no a dizer, que em vida nada quiz, porque de todos estes benefices, de  
 todas estas offertas, nada queria para si, porque tudo dispendia nas o-  
 bras dos Mosteiros, tudo nos palacios Arcebispaes. *Quid mihi est in*  
*calo, & á te quid volui super terram:* dizia El-Rey David com toda a Ps. 72.  
 verdade a Deos, Senhor, que tenho eu no Ceo, & na terra, que quero  
 fôra de vós? Que diga David com verdade, que no Ceo nada tinha,  
 concedo; porque ainda naquelle tempo, não estava no Ceo a humani-  
 dade de Christo, que era do sangue, & descendencia de David; mas q  
 diga David com verdade, que da terra nada queria, sendo hum Rey,  
 que ajuntou tanto ouro, que conquistou tantas terras? Si, & có mui-  
 ta verdade; porque esse ouro nam o queria David para si, senam para o  
 templo de Deos, que Salamam seu filho edificou, e flos terras conqui-  
 tadas, nam as queria para si, senam para o Reyno de Israel, que ampli-  
 ficou para gloria do mesmo Deos, & ajuntar, & conquistar dessa for-  
 te, he o mesmo, que não querer couza alguma nesta vida, *& á te quid vol-*  
*ui si per terram?*

E se na vida nada quiz, tambem na morte nada teve; na morte nada  
 teve morrendo Arcebispo? Si, & torno a dizer, que na morte nada te-  
 ve; porque poucos dias antes de morrer, por publica escriptura, fez doa-  
 çam de tudo quanto tinha. Bem podera o nosso Arcebispo haver licen-  
 ça do Summo Pontifice, para testar na morte como costumam outros  
 Arcebispos Regulares; porem não quiz, porque queria morrer, como  
 Religioso pobre, & não como Arcebispo rico. Esta distincão ha en-  
 tre o testamento, & a escriptura, entre vivos, que o testamento para va-  
 ler



Hebr. 9.

2. Reg. 1.

ler he necessaria a morte do testador, antes da morte nada val, he texto de Sam Paulo, *ubi enim testamentum est, mors intercedat necesse est testatoris*; o que nam tem a escritura, que logo antes da morte tem valor, & logo faz perder todo o dominio da couza que se dà; de sorte, que quem morre com escritura de doçam morre pobre, nada tem quando morre; o que morre com testamento, ainda morre rico, ainda morre senhor do que tem; pois eis aqui o que fez o nosso Prelado, nã quiz morrer com testamento, por nam morrer senhor; quiz morrer com doçam, por nam morrer rico, & com verdade se pòde dizer, que na morte nada teve, porque em todo o rigor de direito, já antes de morrer nadatinha. Poucos dias antes de morrer El Rey David, mandou ao Profeta Natam, que ungisse, & aclamasse por Rey, a seu filho Salamam; fello assim o Profeta, & foy Salamam do povo aclamado Rey de Israel; & para que, se esse nam he o direito das gentes? O direito das gentes he, que Rey morto, Rey posto, que morra David primeiro, & despois de morto David, seja Salamam aclamado Rey; porem David como Santo, nam duvidou privar-se do Reyno, & com elle de tudo o mais quanto possuia para poder dizer com verdade, que na morte nada teve, assim como com verdade disse, que na vida nada quiz, & *á te quid voluit super terram?* Isto fez David, & isto mesmo fez o nosso Arcebispo; & muy longe esteve de ser cobiçoso, *cupidum*, o que isto fez, o que em vida nada quiz, & na morte nada teve. Havendo sido pois o nosso Arcebispo tal, qual Sam Paulo desejava fosse hum Bispo mui perfeito, como vimos, *unius uxoris virum, sobrium, &c.* Que razam ha de sentimento, que para não morrerem os demais, fosse necessario, que hum tal Pontifice morresse? Que para sahir da nossa Cidade este matador, que nos acaba, esperasse Deos, que o nosso grande Sacerdote morresse, *donec Sacerdos magnus moriatur.*

Porem se isto assim na he, Christãos, se morto o nosso Pontifice, ainda este matador nam sahir da Cidade, porque ainda o mal continua, temos fundamento para cuidar, que ainda Deos nam quer que laya, porque ainda as causas de elle entrar duram. Eu sey que em Pernambuco, entrou este matador, & que morrendo o seu Pontifice eleito, elle nam saio, porque ainda o mal continuou. Pois porque nam podemos temer o mesmo? Se nós somos cúmplices nos mesmos delitos, porque nam temeremos ser punidos com os mesmos castigos? No tempo em que os fieis vendiam suas herdades, & punham o preço dellas aos pés dos Apostolos, Annanias vendendo certo campo, reservou para si certa quantidade, & o restante poz aos pés de Sam Pedro. Perguntoulhe o Apostolo, por quanto vendera o campo? Mentio elle no pre:



preço, & por este peccado ficou logo alli morto de repente. Veyoda-  
hi a pouco sua mulher Saphyra, fezlhe S. Pedro a mesma pergunta, &  
respondeo ella com a mesma mentira; entam deu S. Pedro contra ella  
esta terrivel sentença: *Ecce pedes eorum, qui sepelierunt circum tuum ad  
ostium, & efferent te*; ahi estam já á porta os que levaram a enterrar teu  
marido, e sperando por ti para te levarem á sepultura; & foy assim. Não  
reparo já neste tam repentino, & grave castigo destes dous cazados,  
por falta ao parecer tam leve, posto que nam faltava ali que reparar;  
fô reparo, que estando ainda Saphyra viva, estejam já os da Misericor-  
dia com a tumba á porta, esperando para a levar a enterrar, *ad ostium,  
efferent te*. Que venha a tumba buscar a Annanias, que está morto, o-  
bra he de Misericordia enterrar os mortos; mas que venha buscar a  
Saphyra, q'esta viva, parece temerario pẽlamẽtc? Porẽ não foi senão mui  
acertado juizo. Pecou Saphyra o mesmo peccado de Annanias, foy  
Annanias castigado por esta culpa, com a morte apressada; pois fizeraõ  
de conta estes enterradores, que havia de ser castigada com a mesma  
penna. Morreo Annanias por mentiroso, porque nam hade morrer  
Saphyra por mentirola? Foy sepultado Annanias, porque não hade ser  
sepultada Saphyra? Porque onde sam as culpas as mesmas, he justa ju-  
sticia de Deos, que sejam os mesmos os castigos; por isso havendo le-  
vado á sepultura a Annanias: *Qui sepelierunt circum tuum*, tornam a es-  
perar por Saphyra com a tumba: *ad ostium, & efferent te*. Se as culpas  
da Bahia, sam as mesmas que as de Pernambuco, porque nam temere-  
mos nõs que sejam os castigos os mesmos? Pernambuco, morto o seu  
Pontifice, ainda he castigado, porque ainda o mal continuou a matar;  
a Bahia, morto o seu Pontifice, como não temerã o mesmo castigo, co-  
mo nam temerã tambem, que o mal continue.

E pois quanta razão temos de celebrar com lagrimas, & exequias  
do nosso Pontifice? Morto o nosso Pontifice, tinhamos grandes espe-  
ranças de que este mal acabasse; pois Deos Nosso Senhor mandava, q  
morto o Pontifice, se fuisse da Cidade o matador, *postquam autem, &c.*  
Porẽm vendo que morto elle, o matador nam se vai, temos muita ra-  
zam para cuidar, que nam quer Deos, que se vã, porque quer, que a  
inda dure o castigo. Por hũa, & outra causa dizia eu, q tinhamos mui-  
ta razam de chorar; mas com esta distincão, que pella primeira causa  
temos razam de chorar sobre elle, & nam sobre nõs; pella segund  
causa temos razam de chorar sobre nõs, & nam sobre elle. Ilustre  
mos hũa, & outra cousa com a divina Escriitura.

Morreo Aram, primeiro Summo Sacerdote do povo de Deos, &  
diz a Escriitura, que chorava sobre elle todo o povo, por espaço de trin-



Num. 20.

Aug. ibi.  
9. 53.

ta dias: *omnis autem multitudo videns oecubuisse Aaron, flevit super eo triginta diebus*: Não diz que choraram sobre si, senam, que choraram sobre elle, *flevit super eo*. E porque nam choraram também sobre si, na perda de hum tam grande, & tam benemerito Pótifice, como Aram? Na causa da morte de Aram, está a razão: disse a o mesmo Deos a Moyses: *Eo quod incredulus fuerit mihi ad aquas contradictionis*; E foy o caso, que rebelindole o povo de Deos contra Moyses, & Aram pella falta de agua, que padecia, acodirão elles a Deos, Deos mādou q̃ fallassem a hūa pedra, & que ella daria agua, *Loquimini ad Petram*; Elles com algũa desconfiança, que a pedra ouvesse de dar agua, em lugar da palavra feriram a pedra com a vara: *Percutiens bis scilicem*; por esta desconfiança, pois manda Deos, que morra Aram, *eo quod incredulus fuerit mihi ad aquas contradictionis*. Muitos dos Expositores Sagrados dizem, que este peccado de Aram foy sò venial, porque sò foy huma desconfiança leve, de poder dar a pedra agua; foy porem mortal o peccado do povo, porque foy huma rebelleam gravissima contra Deos, & seus servos. Pois se o peccado de Aram foy leve, & o peccado do povo foi grave, como morreo Aram, & fica o povo vivo? Esta cōsideraçam sem dvida, cavou os animos daquelle povo, para fazerẽ esta justa cōsideraçã: o nosso Pótifice morre, & nòs ficamos vivos! Elle sò venialmente peccou, & nòs gravissimamente peccamos, & com tudo Deos mata a elle, & nam a nòs! A elle por pouco, & nam a nòs por muito! Oh quãta razam temos de chorar sobre elle, *flevit super eo*? Por ventura, nam sam maiores nossos peccados, do que podiam ser os de hum Pontifice tam Religioso como o nosso? Pois se para nòs vivermos morreo elle, porque para acabar o mal que nos mata, esperou Deos, que elle morresse, quanta razam temos de chorar sobre elle, & nam sobre nòs? Devemos chorar como choraram os do povo de Deos, na morte do seu Pontifice, nam sobre si, senam sobre elle, *flevit super eo*.

Luc. 23.

Porem se morto o nosso Pontifice, ainda o mal continua em matar, temos muita razam de chorar sobre nòs, & nam sobre elle, porque he final, que ainda entre nòs fica a causa do castigo. *Filie Hierusalem nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, & super filios vestros*, dizia Christo áquellas piedosas mulheres, que com as lagrimas nos olhos o seguiam para o Calvario; filhas de Ierusalem, nam choreis sobre mim, mas chorais sobre vòs, & chorai sobre vossos filhos. Porque nam haviam de chorar sobre hum espectáculo tam digno de lastima, como Christo hia com huma Cruz às costas para o martyrio? O mesmo Senhor deu a razam; *Quoniam ecce venient dies, in quibus dicent: beata steriles, & ventres, qui non genuerunt; via o Senhor, que*



que morto elle ainda ficava sobre todos o castigo, que estava preven-  
do, *ecce venient, &c.* Pois razam tinham de chorar sobre si, & nam so-  
bre elle. *Nolite flere super me, sed super vos.* Se morto o nosso Pontifice,  
ainda o castigo fica sobre nós, razam temos de chorar sobre nós, &  
nam sobre elle, & com a mesma razam que Christo, ás filhas de Ieru-  
salem, nos poderia dizer a nós o nosso Pontifice, *nolite flere super me,  
sed super vos flete.*

Estas são razões commuas, & que a todos nos tocam; porem  
nós os Religiosos, ainda temos sobre estas, & outra razam mui particu-  
lar de celebrar com lagrimas, as exequias deste Illustrissimo Prelado;  
o amor com que amava todas as familias Religiosas. Nós os da Com-  
panhia de Iesus eternamente confessaremos este amor. Nosso Reve-  
rendo Padre Geral, sendo informado do amor, com que este Prelado  
amava nossa Companhia, lhe mandou de Roma a carta de participa-  
ção de todas nossas boas obras, a qual senam costuma mandar senão  
aos grandes amigos. Pois quanta razam temos de sentimento os da  
Companhia. Lembrame, que querendo Christo, dar aos de sua cõpa-  
nhia as novas da morte de Lazaro, o fez com estas notaveis pala-  
vras: *Lazarus amicus noster dormit*, Lazaro nosso amigo dorme,  
& porque elles nam entenderam a frase, lhes disse o Senhor cla-  
ramente, como Lazaro era morto, *tunc dixit illis manifesté, La-  
zarus mortuus est.* Notai, que quando chama a Lazaro amigo, *a-  
micus*, nam diz que morrera, senam que dormia, *dormit*; porem  
quando diz claramente, que morrera, *mortuus est*, calla entam  
o nome appellativo de amigo, & só diz o nome proprio de Lazaro, *La-  
zarus mortuus est.* E qual será a razam? A razam deu o mesmo  
Christo na palavra, *amicus noster*, nosso amigo; era Lazaro ami-  
go de Christo, & de sua Companhia, ( que por isso nam disse;  
*amicus meus*, meu amigo, senam, *amicus noster*, nosso amigo ] E  
quiz hir dispondo os animos dos de sua companhia, para ouvir  
as tristes novas da morte de hum tam grande amigo como Lazaro.  
Callar o nome de amigo, parecia ingratidão; dar de repente a no-  
va com a lembrança do amor, aos de sua companhia; parecia nova in-  
toleravel; pois que remedio? Confessa a amizade, *amicus noster*, & dá  
a nova da morte, debaixo da metaphora de sono, *dormit*, para que al-  
fim dispostos os animos dos seus, tivessem animo para ouvir de-  
pois a nova clara, *tunc dixit illis manifesté, &c.* Nam foy menor o a-  
mor do nosso Pontifice aos da Companhia de Iesus, que foy o amor  
de Lazaro aos da companhia de Christo. Nós confessaremos sempre,  
que assim como elle podia dizer com Ioaõ, *amicus sponsi*, nós podemos



dizer com Christo, *amicus noster*. Pois quanta razam temos os da companhia de sentimento? Eis aqui as razoes, porque eu disse no principio, que nas exequias do Illustrissimo Senhor Dom Ioam da Madre de Deos, primeiro, & dignissimo Arcebispo desta Diocese, melhor falava o silencio, que a voz, melhor declamavam as lagrimas, que as palavras.

et. 6

E entre tantas razoes de sentimento, nam ha tambem alguma razam de alivio? Si, ha duas razoes, que muito nos devem consolar. A primeira pertence a sua gloria; a segunda ao nosso proveito. A sua gloria pertence a consideraçam da morte, que teve tam santa, & tam conforme com a vontade de Deos; porque alem de se confessar geralmẽte, & receber todos os Sacramentos, esteve as ultimas quatro horas da agonia, com os olhos sempre fixos, em huma imagem de Christo crucificado, sem jámais os apartar. Quem pode duvidar da Santidade daquella alma, que como a Alma santa, assim tinha os olhos fixos em seu amado Esposo; ao menos nam tinha muy longe de Deos o coraçam, quem assim teve a Deos tam perto dos olhos? Aquelles Santos Patriarchas, & amigos de Deos antiguamente, todos morriam com os olhos da esperança fixos neste senhor futuro; o nosso Pontifice, quiz morrer com os olhos fixos no mesmo Senhor presente; & se aquelles se salvaram naquella esperança, este porque senam salvaria nesta sê.

Num. 20.

A nosso proveito pertence a consideraçam, de que morto o nosso Arcebispo, nos alcançará de Deos outro de seu mesmo espirito, & de sua mesma condiçam. Moveme a crer isto, a doaçam que poucos dias antes de morrer, fez de todo o seu Pontifical, ao Arcebispo successor; por que podemos crer, que naquelle Pontifical (como Elias na capa a Eliseu) deixou seu espirito a seu successor. Quando ouve de morrer Aram, mandou Deos a Moyses, que lhe despiße o Pontifical, & que o vestisse a Eleazaro seu successor: *Cumque spolia veris Aaron vestibus suis, indues Eliazarum*; E porque razam hade vestir Eleazaro o Pontifical de seu antecessor? Nam fora melhor fazer outro de novo ajustado à sua escriptura? Foy por ventura para que Eleazaro com o Pontifical de Aram vestisse o espirito, & condiçam de Aram; porque considerando Eleazaro, que aquelle Pontifical fora de hum Pontifice tam brando, & tam afavel como Aram, vestisse com o Pontifical a brandura, & affabilidade de Aram seu antecessor, *cumque spolia veris, &c.* Não acafo, mas com especial providencia de Deos dispoz o nosso Arcebispo a seu successor todo o seu Pontifical, para que lembrado este de quam brando, & quam afavel fora seu antecessor; vista com o Pontifical seu espirito, & sua condiçam, assim como Eleazaro com o Pontifical de Aram, o espirito, & condiçam de Aram.

Estas



Estas sam as razoens, que sobre as de sentimento, temos hoje de cõ-  
 lolaçam. Sò falta lembrar a todos, os obsequios devidos à alma do nol-  
 lo Pontifice, o respeito a seu cadaver, as honras a suas cinzas; porque  
 todo o obsequio, toda a honra, toda a adoraçam, que lhe dermos, tudo *Deut. 4.*  
 he devido á sua pessoa à sua dignidade, a seus beneficios. Morreo Moy- *Núm. 34.*  
 ses por ordem de Deos no Monte Nebo, & morreo Aram, por ordem  
 do mesmo Deos no Monte Hor; foy Moyles sepultado por mãos dos  
 Anjos, & foy Aram sepultado por mãos dos homens; assim se entende  
 o *sepelivit eum Dominus* do Texto Sagrado. Se a dignidade de Aram  
 he mais sagrada, que a de Moyles, & Aram morreo como Moyles, por  
 disposiçam de Deos, porque dispoem Deos, que Moyles seja enterra-  
 do por mãos de Anjos, & Aram por mãos de homens? Por isso mes-  
 mo, porque Aram era Pontifice, & Moyles nam. As honras, os func-  
 rais dos que nam sam Pontifices, corram embora por mãos de Anjos,  
 corram por mãos de quem Deos quizer, que os funerais do que he  
 Pontifice, quer Deos, que corram por conta dos homens, & nam dos  
 Anjos, porque aos homens convem; & nam aos Anjos, honrar as cin-  
 zas dos seus Pontifices; & toda a honra, & toda adoraçam que se dá  
 ao cadaver do Pontifice, toda he justa, toda he merecida à sua digni-  
 dade.

Morto Moyles, escondeulhe Deos sua sepultura, de sorte que nin- *Deut. 34.*  
 guem soubesse aonde estava: *non cognovit homo sepulcrum ejus*; Nam  
 leyo porem, fizesse o mesmo à sepultura de Aram; a razam que dam  
 os Expositores Sagrados he, para que o povo nam desse ao corpo de  
 Moyles, mais honra da que se lhe devia; nam chegasse a darlhe adora-  
 çoens de divino, & idolatrasse? Pergunto, & no corpo morto, não ha-  
 via o mesmo perigo? Aram, nam era irmam de Moyles; o irmam de  
 Deos, nam he Deos? Se Deos tivera irmam assim como tem Filho, ha-  
 via o irmam de Deos, ler Deos, assim como o Filho de Deos, he Deos;  
 logo se Aram era irmam de Moyles, como nam ha o mesmo perigo de  
 Aram; ler adorado por Deos, & em Moyles si? A razam he, porque  
 Aram, era Sacerdote Pontifice, & Moyles nam, & as adoraçoens ao  
 Pontifice Sacerdote, nam são perigosas, não sam idolatrias, porq̃ todas  
 lhe sam devidas. Na estimaçam de Deos, os Pontifices Sacerdotes tã-  
 bem sam Deos nas honras, & adoraçoens, posto que o nam sejam na  
 sustancia. *Dix non detrahes*, nam murmureis dos Deos, disse elle, que-  
 rendo dizer, que nam murmurassem dos Pontifices Sacerdotes, & pois *Exod. 22.*  
 os Pontifices Sacerdotes sam Deos? Nam sam Deos na substancia,  
 mas sam Deos no respeito, & adoraçam, q̃ se lhes deve, & toda  
 quanta honra toda quanta adoraçam se lhes fizer, nenhuma he peri-



gosa; nenhuma he idolatria, porque toda lhes he devida. Pois eis aqui porque Deos encobre o sepulcro de Moyles, & nam de Aram, porque a adoração, que o povo desse às cinzas de Moyles, seria idolatria, por ser hõra, que lò a Deos se deve; & a adoração, que se desse às cinzas de Aram, nam seria idolatria, porque toda a honra, toda a adoração, he devida às cinzas de hum Pontifice. Não he logo demasiada, antes bem merecida toda a honra, toda a adoração, que dermos às cinzas do nosso Pontifice, nam lò por Pontifice, mas por Pontifice nosso, tão benevolo, tam affivel, & tam benemerito.

E já desta honra, ou desta veneração vejo eu grandes prenuncios na nobre, & louvavel acção do muito R. Cabido, Sedevante, em confirmar por publico edital, todas as disposições de officios, & beneficios, que Sua Illustrissima havia feito em vida. Quando David andava em sua vida, com aquelles santos pensamentos de edificar o Templo de Deos, dispoz, & nomeou todos os officios, & beneficios, assim Sacerdotes, como Leviticos, q̃ haviam de servir no Templo. Leasse o capitulo 23. até 26. do Paralipomenon, aonde largamente se relatam? Morreo finalmente David, & Salamam, que lhe succedeo assim no Reyno, como na fabrica do templo, quando ouve de nomear os ministros, que nelle haviam de servir, mandou, que em tudo se guardasse a disposição de David, que servissem aquelles mesmos, que David nomeara, & na mesma forma, que David dispolera: *Et constituit juxta dispositionem David officia Sacerdotum in ministerijs suis, & Levitas ordine suo: & janitores in divisionibus suis;* emfim mandou que tudo ficasse, como El-Rey David tinha em vida disposto. E pois Salamam, a quem Deos dotou de tanta sabedoria, nam teria prudencia para fazer outras disposições ainda mais acertadas? Sim faria, mas devia Salamam esse respeito a seu antecessor, devia esse amor, a seu pay David, que ficassem esses officios, & esses beneficios de sorte, que elle em vida dispolera; & nisso mostrou Salamam, nam lò sua prudencia, mas o conceito grande, que tinha de seu pay. E nam he o mesmo em termos, o que fez o muito R. Cabido Sedevacante no publico edital.

E acrecenta esta cortezia considerar, que o Cabido Sedevacante, como succede na jurisdição, & poder mesmo do Pontifice defunto, podia justa, & licitamente dispor outra cousa, se assim parecesse bem; mas julgando por boas as disposições do Pontifice defunto, encarece sua cortezia, quanto se pòde encarecer. A Salamam, nam lò como a Rey, que era, mas como a Padroeiro, competia a nomeação de todos os officios, & beneficios dos que houvessem de servir no templo, com tudo nam quiz senam estar pellas disposições de El-Rey morto. E pois se  
em



em Salamam estava o poder, porque nam dispoem de outra sorte as  
 coufas? A Elcritura o diz: *Sic enim praeceperat David homo Dei*; tinha  
 mandado assim David, que foy hum homem de Deos. E pois pello  
 haver mandado David, nam podia Salamam mandar outra coufa, pois  
 tinha o mesmo poder? Sim podia, mas nisso esteve o excesso do amo-  
 respeito, cortezia, & do conceito que Salamam tinha de David; man-  
 dou o assim David, que foy hum homem de Deos, *homo Dei*. Pois isto  
 se guarde. Ahi esteve o excesso de cortezia do nosso muito R. Cabido,  
 que tendo poder para desfazer todas as disposicoens, que o Pontifice  
 morto fizera em vida, quiz estar por todas, lo porque assim o avia ma-  
 dado hum Prelado tam Religioso, & tam servo de Deos, *sic enim pra-*  
*ceperat David homo Dei.*

E vòs ò alma ditosa, se estais já em lugar de paz, como esperamos  
 na Milericordia divina, como nos promete vida tam Religiola, como  
 nos assegura tam santa morte; já lograis a cella, que suspirais com mui-  
 to maior ventagem do que cuidaveis; se o Rey da Gloria, como con-  
 fio, vos meteo dentro daquella cella vinaria, que he a Gloria, aonde  
 ordena a seus amigos, a caridade de seu infinito amor. E se assim he,  
 quam boa troca foi a do Bispado da terra, pello reynado do Ceo? Quã  
 boa a troca do Bago, pello cetro, da mitra pella coroa! O que importa  
 he fazer agora là no Ceo, o officio de Avogado, que câ tinhais na ter-  
 ra; porque segundo S. Paulo, o officio de Pontifice, & o officio de A-  
 vogado sam o mesmo officio. Fazei com Deos Nosso Senhor, que nos  
 livre destas infirmitades, que nos matam, porque nam sois vos Pon-  
 tifice, que nam vos saibais compadecer de nossas infirmitades, *non ha-*  
*bemus Pontificem qui non possit compati infirmitatibus nostris*, porque tâ-  
 bem como nòs as padecestes, & tambem como nòs, dellas morrestes,  
*tentatum autem per omnia*. Sobre tudo vos pedimos, nos alcanceis de  
 Deos hum Pontifice manso, & humilde de coraçam como vòs, porque  
 este he o Pontifice mais semelhante a Christo, que he a regra de toda  
 a perfeiçam, o qual nos encaminhe pellos caminhos da graça, para os  
 prados da gloria, *ad quam nos perducatur, &c.*

Faculdade de Filosofia  
 Ciências e Letras  
 Biblioteca Central

F I M.



(12)



Biblioteca Central  
Classe e Letras  
Faculdade de Filosofia